

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SOUZA SILVA, A. R., BARBOZA, C. L. F. Padrões silábicos emergentes no Português Brasileiro e seus efeitos na aquisição do Inglês Língua Estrangeira. *Revista Colineares*, Mossoró, v. 05, n. 02, p. 65-79, Jul/Dez, 2018.

PADRÕES SILÁBICOS EMERGENTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS EFEITOS NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

BRAZILIAN PORTUGUESE EMERGING SYLLABLE PATTERNS AND THEIR EFFECTS ON THE ACQUISITION OF ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE

Anderson Romário Souza Silva²⁵
Clerton Luiz Felix Barboza²⁶

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo geral realizar um levantamento bibliográfico envolvendo padrões silábicos emergentes (PSE) no Português Brasileiro (PB) e seus efeitos na aquisição de padrões silábicos no Inglês Língua Estrangeira (ILE). Tendo como referencial teórico a visão de língua enquanto Sistema Adaptativo Complexo (SAC) (LARSEN-FREEMAN, 1997), Modelos de Exemplares (ME) (PIERREHUMBERT, 2001) e Fonologia de Uso (FU) (BYBEE, 2001), este estudo busca responder o seguinte questionamento: quais são os principais contextos e influências para a ocorrência de PSE no PB e no ILE? Espera-se que contextos desvozeados sejam favoráveis a ocorrência de PSE, já que o vozeamento é uma influência para a emergência de epêntese. Acredita-se também que o contexto postônico é fator influenciador para a ocorrência de PSE, ocasionando a elisão da vogal. Como exemplo, é possível citar os padrões compostos por **C+sibilantes**, como **ts** e **ds**. De maneira similar, os tipos silábicos desvozeados, como **p**, **pt** ou **kt**, também favoreceram a ocorrência do fenômeno. Além disso, a posição postônica mostrou-se um fator influenciador. Vogais nestas posição apresentaram maiores índices de elisão, proporcionando a emergência de PSE.

Palavras-chave: Sistemas Adaptativos Complexos. Modelo de Exemplares. Fonologia de Uso.

ABSTRACT: The aim of this study is to perform a theoretical background analysis about Brazilian Portuguese Emerging Syllable Patterns (ESP) and their effects on the acquisition of English as a Foreign Language (EFL). Based on the view of language as a Complex

²⁵ Graduado em Letras com habilitação em língua inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Membro do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff. E-mail: souzaandersonr@hotmail.com.

²⁶ Doutor em Linguística. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff. Email: clertonluiz@gmail.com.

Adaptive System (LARSEN-FREEMAN, 1997), on the Exemplar Model theory (PIERREHUMBERT, 2001) and Usage-Based Phonology (BYBEE, 2001), this research sought to answer the following question: Which are the main contexts and influences for the occurrence of ESP in Brazilian Portuguese and EFL? It is believed that voiceless contexts may be an influence for the occurrence of ESP, since voiced contexts are an influence for the emergence of epenthesis. It is also believed that post-tonic syllable positions will be another influence for the occurrence of ESP, since it allows for vowel elision. As an example, it is possible to mention patterns formed by **C+sibilants**, such as **ts** and **ds**. Similarly, voiceless syllable types, for instance **p**, **pt** or **kt** also favored by the occurrence of the phenomenon. The post-tonic syllable position also proved to be an influence factor. Vowels in this position showed higher elision rates, allowing for ESP emergence.

Keywords: Complex Adaptive Systems. Exemplar Models. Usage-Based Phonology.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo geral realizar um levantamento bibliográfico envolvendo os padrões silábicos emergentes no Português Brasileiro (PB) e suas influências para a aquisição de padrões silábicos no Inglês Língua Estrangeira (ILE).

Entende-se como um padrão silábico emergente (PSE) encontros consonantais não esperados na língua. Embora a literatura tradicional dos padrões fonotáticos do PB indiquem que apenas os arquifonemas /N/, /S/, /L/ e /R/ possam ocorrer em posição de coda, pesquisas recentes relatam a emergência de padrões silábicos inovadores. Através de estratégias como a epêntese ou a elisão, a língua busca maneiras de auto-organização através de inserção ou exclusão de determinados segmentos, proporcionando assim mudanças sonoras no sistema.

A pergunta problema que esta pesquisa se propõe a responder é: quais são os principais contextos e influências para a ocorrência de PSE no PB e no ILE?

Espera-se que contextos desvozeados sejam favoráveis a ocorrência de PSE, já que o vozeamento é uma influência para a emergência de epêntese. Acredita-se também que o contexto postônico será um fator influenciador para a ocorrência de PSE, ocasionando a elisão da vogal.

Este estudo está dividido em cinco seções além desta Introdução. Na seção de Paradigma Teórico apresentamos a visão de língua enquanto sistema adaptativo complexo e os modelos de exemplares. Na terceira seção, intitulada Estruturas silábicas do PB e do inglês, apresentamos o conceito de sílaba e os padrões silábicos de ambas as línguas. Na seção Padrões silábicos emergentes no PB, relatamos pesquisas envolvendo a emergência de padrões silábicos inovadores. A quinta seção, Estudos sobre padrões silábicos no ILE, apresenta pesquisas sobre a aquisição de padrões silábicos no ILE por aprendizes brasileiros. Finalmente, as Considerações finais sumarizam as implicações dos PSE na aquisição de padrões silábicos no ILE.

2 PARADIGMA TEÓRICO

Nesta pesquisa a revisão da literatura envolvendo PSEs no PB e seus efeitos na aquisição do ILE é calcada numa visão de língua enquanto Sistema Adaptativo Complexo (SAC) (LARSEN-FREEMAN, 1997), o Modelo de Exemplares (ME) (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001) e a Fonologia de Uso (BYBEE, 2011). As referidas teorias enfatizam a ideia de Fonética e Fonologia como áreas indissociáveis. A proposta favoreceu estudo da variação no nível individual do componente fonológico, o papel da palavra na construção do conhecimento fonológico do falante, entre diversos outros aspectos. Com base nesses princípios, a subseção 2.1 descreve as características da língua enquanto SAC. Já a 2.2 apresenta os conceitos relacionados ao ME e à FU.

2.1 A língua enquanto sistema adaptativo complexo

Diversas características presentes na linguagem levaram pesquisadores a considerá-la um sistema adaptativo complexo. Como definido por Larsen-Freeman e Cameron (2008), um SAC é caracterizado como um sistema sujeito a constantes mudanças ao longo do tempo. Beckner et al (2009, p.18) menciona que “Nós não podemos compreender esses fenômenos sem antes compreendermos suas relações. (Tradução do autor)²⁷”. Ou seja, a linguagem é composta por diversos subsistemas e seu comportamento é resultado de tais relações.

Dentre as principais características que associadas à ideia de língua enquanto SAC, as principais estão listadas abaixo segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008).

Primeiramente, um SAC é *aberto*, já que ele se renova a partir do fluxo de energia constantemente inserido no sistema. Essa energia pode ser resultado de outros ou do próprio sistema. A língua é um sistema aberto, pois sofre influências não apenas dela mesma, mas também de uma segunda língua (L2), por exemplo.

A *dinamicidade*, conforme Nascimento (2016, p. 24), é “uma das propriedades fundamentais de um SAC, uma vez que o sistema reflete a constante organização/reorganização dos elementos que o constituem”. Essas constantes alterações podem ser provenientes de fatores internos ou externos. Tal característica pode ser evidenciada quando consideramos a variação linguística diacrônica, evidência inquestionável da dinamicidade do SAC.

Um SAC apresenta comportamentos **emergentes**. Determinado comportamento pode surgir a fim de auxiliar na auto-organização do sistema, fenômeno chamado de emergência. Relacionando com o objeto desta pesquisa, o apagamento da vogal em sílaba postônica final é um comportamento emergente, o qual por sua vez acarreta a emergência de outro fenômeno, um padrão silábico inovador no PB.

SACs apresentam sempre *atratores*, os quais são comportamentos ou estados que tendem a emergir no sistema devido a determinadas características do sistema linguístico. Um exemplo mencionado por Nascimento (2016) é o

²⁷ “We cannot understand these phenomena unless we understand their interplay.” (Original)

vozeamento da consoante pós-vocálica, o qual atua como um atrator para a emergência da vogal epentética.

A competência comunicativa é um exemplo da próxima característica da língua enquanto SAC, a *adaptabilidade*. Falantes tendem a alterar a variação ou o nível linguístico a fim de adaptar a língua para seus receptores.

Já a *não-linearidade* diz respeito à desproporcionalidade entre as causas e efeitos presentes no sistema. Por exemplo, a instrução explícita sobre determinada peculiaridade da língua pode acarretar mudança significativa na produção do falante. Ao mesmo tempo, pode acarretar mudança alguma. Um aprendiz pode ser capaz de compreender a realização fonética do plural da língua inglesa apenas ao ouvir o professor, outro pode necessitar da explicação detalhada da “regra”, um terceiro pode nunca conseguir realizar os ajustes necessários em sua interfonologia do ILE.

A *heterogeneidade*, ou complexidade, diz respeito aos diferentes subsistemas que constituem o SAC. Como exemplo, a língua é composta por diversos subsistemas, como o fonético/fonológico, sintático e morfológicos, entre outros, que interagem entre si para constituir o todo.

A *sensibilidade às condições iniciais* diz respeito às condições presentes no início da trajetória. Entretanto, como um SAC é não-linear, sistemas com condições iniciais semelhantes podem divergir ao longo do tempo. Considerando a aquisição de ILE, aprendizes expostos às mesmas aulas, ao mesmo material e ao mesmo professor podem apresentar resultados completamente distintos ao final do curso.

Outra característica presente na língua enquanto SAC é a *sensibilidade ao fator tempo*. Tal característica está presente tanto na aquisição da língua materna (LM) quanto de uma L2. “O conhecimento na língua aumenta na medida em que o tempo de uso ou de estudo aumenta” (NASCIMENTO, 2016, p. 28).

Após a discussão sobre as características da língua enquanto SAC, resta-nos considerarmos suas implicações para a aquisição e desenvolvimento linguístico. Assa visão defende o estudo da língua em uso. Considerar a língua enquanto SAC implica na rejeição de princípios científicos categóricos e deterministas tradicionais que pressupunham apenas as influências internas para a compreensão do componente linguístico (CAMACHO, 2009). Desse modo, considera-se a existência de motivações internas e externas a fim de compreender os mecanismos envolvidos no percurso de variação linguística, bem como nos efeitos de variáveis como frequência de uso, emergência gradiente de novos padrões linguístico, no papel do léxico e do indivíduo na mudança sonora, entre outros (BYBEE, 2001).

Nesta concepção é levado em consideração o comportamento individual. “A aquisição e desenvolvimento das habilidades linguísticas ocorrem de diferentes formas com indivíduos distintos” (NASCIMENTO, 2016, p. 29). Assim, a variação individual torna-se um objeto de estudo para pesquisas com este referencial teórico, já que busca-se compreender como a língua sofre influências de todos os subsistemas que a compõem, incluindo o indivíduo, e as diversas formas como ela se manifesta através do desenvolvimento linguístico de falantes distintos.

Finalmente, o estudo da língua enquanto SAC corrobora ideias antes desconsideradas, como a variação na organização do componente linguístico e sua

característica probabilística, ou seja, influenciada pela frequência de uso, além da emergência da gramática a partir do uso da língua (BECKNER ET AL, 2009).

Ao considerar o estudo da língua em uso, a visão de língua enquanto SAC proporcionar ao pesquisador uma análise que leva em conta não apenas a variação linguística, mas também individual. A seguir, são apresentadas as teorias fonológicas multirrepresentacionais, que coadunam com essas características da visão de língua enquanto SAC.

2.2 Modelos fonológicos multirrepresentacionais

O Modelo de Exemplares (ME) é um modelo fonológico multirrepresentacional que considera a variação a partir do detalhe fonético para a categorização e organização das representações mentais.

Inicialmente proposto por Goldinger (1996) e defendido por autores como Johnson (1997) e Pierrehumbert (2001), o ME diferencia-se dos modelos tradicionais ao considerar o componente linguístico múltiplo e relacionado através de redes de relações.

Para o ME, as representações mentais são múltiplas e gerenciadas por fatores probabilísticos. Um dos fatores determinantes para essa teoria é a experiência de uso para a construção e gerenciamento do componente linguístico. Assim, a experiência torna-se fundamental ao considerar que exemplares com maior frequência são melhor assimilados e acessados pelos falantes.

Na visão do ME, nuvens de exemplares são utilizadas para representar categorias, nas quais as associações entre os exemplares são. Para esta teoria, quanto mais semelhantes forem os exemplares, maior será sua associação.

Em relação à identificação destas semelhanças, podem ser consideradas diversas características em diversos níveis linguísticos. Nascimento (2016) indica que características como o contexto morfológico ou o fonético, o significado e/ou fatores sociais são categorias utilizadas para a composição de uma nuvem de exemplares.

A adoção do ME em pesquisas linguísticas apresenta implicações para a aquisição e o desenvolvimento de linguístico. Os mecanismos de categorização do ILE levam em conta as categorias da d PB. Por este motivo, falantes em níveis iniciais de ILE tendem a utilizar os padrões silábicos do PB.

Além disso, os efeitos proporcionados pela frequência são importantes para a categorização no ME. Tal ideia coaduna com a Fonologia de Uso (FU) (BYBEE, 2001), a qual rege que o conhecimento linguístico é fortemente influenciado pela experiência e é a frequência de uso que determina as particularidades gramaticais da língua.

A FU contrapõe-se aos preceitos tradicionais de aplicação de regras para a mudança do componente linguístico. Para esta teoria, a alta taxa de utilização de formas linguísticas influencia na representação mental de determinados itens lexicais. Assim, para a FU o lócus da representação mental passa a ser a palavra, e não o fonema ou sílaba.

Desse modo, um dos objetivos de análises linguísticas amparadas pelo ME e pela FU é analisar os efeitos da frequência sobre as representações mentais. Para

este fim, são consideradas a frequência de tipo e a frequência de ocorrência. Abaixo está a definição de ambas seguidas de exemplos apresentados por Nascimento (2016) utilizando padrões silábicos do PB.

A frequência de tipo diz respeito ao número de vezes que determinado padrão ocorre. Por exemplo, o padrão **_pt_** ocorre em 401 palavras distintas no PB de acordo com o corpus do ASPA²⁸, como na palavra *captar*.

Através da frequência de tipo é possível identificar os padrões mais recorrentes na língua. Desse modo, padrões com alta frequência de tipo funcionarão como atratores para novas palavras. Um exemplo desta característica é a predominância de verbos terminados na primeira conjugação *ar*, a qual influencia na conjugação de novos verbos inseridos na língua, como as palavras *deletar* ou *tuitar*.

De maneira diferente, a frequência de ocorrência está relacionada ao número de vezes que uma palavra ocorre em determinado corpus. A palavra *captar* apresenta 2.662 ocorrências no corpus do ASPA.

A implicação da frequência de ocorrência é que através dela representações tornam-se estáveis. Assim, representações mais frequentes estão sujeitas a mudanças fonéticas que facilitam sua realização, enquanto que as menos frequentes sofrem mudanças por nivelamento, que buscam adequar as exceções do sistema linguístico.

Por fim, o ME e a FU consideras a variação fundamental para a categorização da representação mental. Para esta visão, o componente fonológico é múltiplo e as representações mentais são detalhadas, já que consideram o detalhe fonético. Assim, as variações linguísticas, antes desconsideradas por modelos tradicionais, tornam-se representações adjacentes. Tais variações advêm de ocorrências através da experiência, as quais são assimiladas e estocadas criando categorias que representam diretamente a variação encontrada no uso.

Ao considerar as representações mentais múltiplas e multirrepresentacionais, o Modelo de exemplares distingue-se das concepções tradicionais. Assim, este modelo alinha-se a visão de língua enquanto SAC e a Fonologia de Uso, proporcionando o referencial teórico necessário para o estudo de fenômenos gradientes na linguagem, como a emergência de PSE. As estruturas silábicas do PB e do inglês serão apresentadas na próxima seção.

3 ESTRUTURAS SILÁBICAS DO PB E DO INGLÊS

Embora a literatura considere que apenas os arquifonemas /N/, /S/, /R/ e /L/ ocupam posição de coda no PB, pesquisas recentes apontam a emergência de padrões silábicos inovadores (SOARES, 2016; VIEIRA; CRISTÓFARO-SILVA, 2015; SOUZA, 2012).

Utilizando estratégias como a epêntese ou a elisão, a língua mostra-se capaz de auto-organizar-se, a fim de proporcionar a emergência de padrões silábicos considerados inexistentes ou ilícitos.

Para esta discussão, esta seção apresenta o conceito de sílaba e sua estrutura, além dos padrões fonotáticos do PB e do inglês nativo. Por fim, a

²⁸ Acessível em <http://www.projetoaspa.org/>

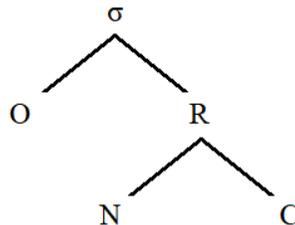
utilização de estratégias como a epêntese e a elisão e suas influências para a emergência de PSE serão abordadas.

3.1 Sílaba

A sílaba é composta por segmentos organizados de forma hierárquica e relacionados entre si. Estes segmentos, por sua vez, estão sujeitos à emergência de diversos fenômenos fonológicos, com a elisão e a epêntese sendo os mais relevantes para este estudo.

A figura 1 é baseada em Collischonn (1999) e apresenta uma representação da estrutura silábica segundo a teoria autossegmental.

Figura 1 – Estrutura silábica autossegmental



Segundo Mendonça (2003), a sílaba (representada pela letra grega σ) é constituída por dois ramos. O primeiro, intitulado *onset* (O), pode ser preenchido por até duas consoantes. Já o segundo, a *rima* (R), pode ser formada por uma vogal em posição de *núcleo* (N) e consoantes em *coda* (C) cujas especificidades dependem de cada língua.

As restrições para a ocorrência de segmentos nas posições de onset e coda no PB estão descritas na próxima seção.

3.2 Padrões silábicos do PB

A estrutura silábica do PB é apresentada no quadro 1 baseando-se na pesquisa de Nascimento (2016).

Ao analisar o quadro 1, percebem-se algumas características da estrutura silábica do PB. Primeiramente, nota-se a tendência por sílabas abertas, as quais não possuem segmentos em coda, como em **'ka.za**²⁹. O mesmo exemplo evidencia a preferência do PB pelo padrão CV.

Em relação à posição de coda, os padrões fonotáticos do PB apresentam determinadas especificidades. Em codas simples, aquelas compostas por apenas um segmento, são admitidos os arquifonemas /N/, /R/, /S/ e /L/. Já em codas constituídas de mais de um segmento, definidas como compostas, a posição C1 pode ser ocupada por /N/ ou /R/, enquanto que na C2 é permitido apenas o fonema **s**.

²⁹ As transcrições neste artigo serão apresentadas em negrito, evitando assim o uso de [.] e /./ Tal escolha deve-se ao fato da visão teórica adotada nesta pesquisa considerar a fonética e a fonologia como níveis que não podem ser analisados de forma dissociada.

Quadro 1 – padrão silábico do PB

PADRÃO FONOTÁTICO	EXEMPLO	PADRÃO FONOTÁTICO	EXEMPLO
V	<u>a</u>	CCVC	<u>cr</u> stal
VC	<u>as</u>	CCVCC	<u>trans</u> plante
VCC	inst <u>antâ</u> neo	VV	<u>oi</u> to
CV	<u>ca</u> sa	CVV	<u>lei</u> te
CVC	<u>pa</u> sta	CVVC	<u>doi</u> s
CVCC	<u>ri</u> ns	CCVV	<u>tri</u> o
CCV	<u>pra</u> to	CCVVC	<u>claus</u> trofobia

Também é possível perceber que o padrão CCVCC, como na primeira sílaba de **traNs. plaN.ti**, apresenta o número máximo (dois) de segmentos que podem ocupar as posições de onset ou coda.

A seguir, está exposta a estrutura silábica do inglês.

3.3 Padrões silábicos do inglês

O quadro 2 apresenta os padrões silábicos do inglês e seus exemplos (NASCIMENTO, 2016).

Quadro 2 – Padrão silábico do ILE

PADRÃO FONOTÁTICO	EXEMPLO	PADRÃO FONOTÁTICO	EXEMPLO
V	<u>a</u>	CCVCC	<u>gre</u> ats
CV	<u>to</u>	CCCVV	<u>str</u> ay
CCV	<u>tree</u>	CCCVCC	<u>str</u> uggle
VC	<u>at</u>	VCCC	<u>ang</u> st
CVC	<u>cat</u>	CVCCC	<u>text</u>
CCVC	<u>black</u>	CCVCCC	<u>sph</u> inx
CCCVC	<u>stroke</u>	CCCVCCC	<u>stre</u> ngths
VCC	<u>apt</u>	VCCCC	<u>ang</u> st
CVCC	<u>cast</u>	CVCCCC	<u>text</u> s
CCVCC	<u>plant</u>		

Observando o quadro 1, percebe-se a predominância de sílabas travadas, aquelas que apresentam coda. Diferente do PB, a sílaba canônica do inglês é a CVC, o que proporciona uma variedade maior de opções de consoantes em coda.

A palavra monossílaba **strɛŋkθs** é um exemplo do número máximo de segmentos que podem ocupar as posições de onset e coda no inglês, sendo três e quatro, respectivamente. No PB são permitidos apenas dois segmentos em cada posição.

O inglês apresenta uma diversidade de consoantes em posição de coda. A posição C1 pode ser ocupada por qualquer consoante, com exceção da fricativa

desvozeada **h**. As posições C2 e C3 podem ser ocupadas por quaisquer obstruentes. A posição C4 é preenchida exclusivamente pela sibilante **s**.

Tendo considerado as diferenças entre os padrões silábicos do PB e do inglês, a próxima seção apresenta as implicações da ocorrência de padrões silábicos emergentes no PB.

3.4 A emergência de padrões silábicos

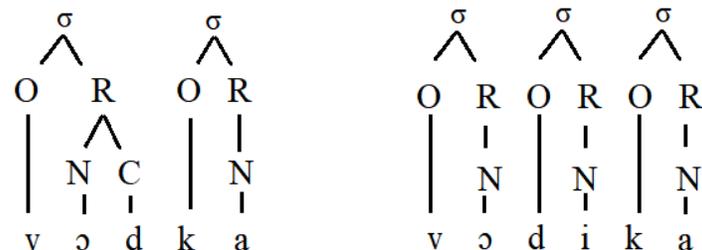
As seções anteriores apresentaram especificidades para consoantes ocuparem posição de coda tanto no PB quanto no inglês. Entretanto, quando há a ocorrência de consoantes em coda que não são permitidas pelos padrões silábicos da língua, surgem encontros consonantais heterossilábicos.

Encontros consonantais heterossilábicos são compostos por consoantes em fronteira de sílaba. Nascimento (2016, p. 44) relembra que tais encontros não são esperados no PB. Desse modo, a língua, utilizando-se da auto-organização, busca meios de reajustar essa estrutura silábica.

A epêntese vocálica e a elisão da vogal são duas estratégias utilizadas para alcançar a boa formação da sílaba. A epêntese vocálica caracteriza-se como o fenômeno pelo qual o falante realiza a inserção de um segmento vocálico a fim de desfazer um agrupamento de consoantes incomum em sua língua (CRISTÓFARO-SILVA; ALMEIDA, 2008). Tal segmento sonoro não carrega nenhuma informação e, no PB, pode ter características similares às vogais **i**, **e** e **ə**, como relatado por Silveira e Seara (2009).

Como exemplo de emergência de epêntese, é possível utilizar a palavra *vodka*. No encontro consonantal heterossilábico em **'vod.ka**, a inserção de uma vogal entre as consoantes, como em **'vo.di.ka**, caracteriza a emergência de uma epêntese vocálica, apresentada na figura 2.

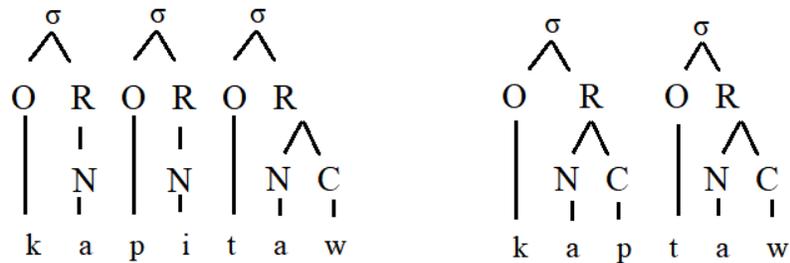
Figura 2 – Representações silábicas da palavra “vodka”



A inserção desta vogal epentética reestrutura a organização silábica. A consoante **d**, antes em posição de coda da sílaba inicial, passa a ser o onset da segunda sílaba, a qual tem como núcleo a vogal epentética. Este é um exemplo de reestruturação silábica devido ao fenômeno da epêntese.

Já a palavra *capita*, apresentada na Figura 3, ilustra um exemplo de reestruturação silábica utilizando a elisão da vogal plena. Entende-se como vogal plena aquela que possui registro grafo-fonêmico, ou seja, espera-se sua ocorrência tanto na escrita quando na realização.

Figura 3 – Representações silábicas da palavra “capital”



A elisão da vogal reorganiza a palavra em apenas duas sílabas. A consoante **p** que antes ocupava a posição de onete da segunda sílaba torna-se a coda da primeira sílaba. Como a vogal foi apagada, e consoantes no PB não podem constituir núcleo silábico, a solução encontrada pela língua é alterar a posição da consoante, o que implica na ocorrência do padrão silábico emergente **p.t**. Apresentamos na próxima seção as implicações destes fenômenos da estrutura linguística do PB.

4 PADRÕES SILÁBICOS EMERGENTES NO PB

Nesta seção, estão expostas pesquisas sobre a emergência de padrões silábicos inovadores no PB. Os estudos apresentados tratam sobre PSE em posição medial e final.

Soares (2016) analisou a emergência de encontros consonantais formados por consoante + sibilante (como nas palavras *idades* e *clubes*). Como frequência geral, o autor constatou a emergência de PSE em 59% das ocorrências. A frequência de ocorrência destacou-se como fator influenciador para o fenômeno, pois palavras de alta frequência (como *cidade* - **si.'dads**) apresentaram altos índices de PSE. Sobre o tipo silábico, africadas e a oclusiva **k** favoreceram um PSE em 90% dos casos. A seguinte sequência de fonemas foi relatada enquanto facilitadores da emergência de PSE: **tʃ > k > dʒ > f > v, > p > ʒ > b, g > m > ʃ > s, l > n, r**. Também foi analisada a alternância na realização de **kis** e **ks**. Percebeu-se que em 96% das ocorrências o padrão **ks** foi realizado. Já em palavras terminadas com **si** (como em *dose*), o padrão silábico CVC foi realizado em 62% dos casos.

Já Vieira e Cristófaros-Silva (2015) analisaram a redução da vogal anterior em sílaba pós tônica final. Segundo os resultados da pesquisa, a vogal anterior **e** é alçada para a vogal **i**, a qual pode sofrer elisão em posição pós-tônica. Como exemplo, tem-se a palavra **'ja.ve** → **'ja.vi** → **jav**. A vogal anterior **e** apresentou ocorrência de 16% enquanto que o alçamento para a vogal **i** apresentou 78%. Já o apagamento da vogal, o qual propicia um PSE, apresentou taxa de ocorrência de 6%. Os dados vão novamente ao encontro da visão gradiente de emergência de PSE.

Com resultados semelhantes, Barboza (2013) constatou a ocorrência do padrão **C+sibilante** em posição final. Palavras como *antes* e *idades* apresentaram a elisão da vogal. Cristófaros-Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012)

obtiveram resultados semelhantes, uma vez que percebeu-se a emergência do padrão **ts** respectivamente em 14% e 39% das ocorrências.

Souza (2012) observou a emergência do padrão **C+sibilantes** em sílabas pretônicas através da redução ou elisão das vogais altas. As vogais altas **i** e **u** sofreram elisão em 67% das ocorrências. Assim, palavras como **gs. 'ta.vo** e **ps. 'taj** evidenciam PSE. Os resultados mostraram que entre ambas as vogais, a vogal **i** não foi realizada em 62% das ocorrências enquanto **u** em 32%.

Em relação às influências da frequência, a de ocorrência favoreceu a vogal **u**, enquanto que a de tipo a vogal **i**.

Cantoni (2009) analisou a alternância entre os tipos silábicos **ks** e **s**. Foram estabelecidos três grupos para análise: 1 – palavras em que **ks** e **s** alternam-se (sintaxe); 2- palavras em que apenas **ks** é esperado (táxi); 3 – palavras em que apenas **s** é esperado (próximo). A pesquisa também seguiu os moldes do ME e da FU. A ocorrência total de PSE foi de 98%. Como resultado, a autora constatou que, quando esperado, o tipo silábico **ks** provou-se altamente resistente à inserção da vogal epentética. Em palavras como *leques*, não foi relatada a realização da vogal, sendo a preferência o PSE em **l&ks**. A pesquisa também relata que, quando em contexto de competição, o tipo silábico **ks** foi o mais realizado. Por exemplo, na palavra *sintaxe* o tipo silábico **ks** foi o produzido em 75% das ocorrências, emergindo **s** e **ʃ** em 25% dos casos.

De maneira geral, as pesquisas aqui apresentadas relataram a emergência de padrões silábicos envolvendo sibilantes em posição final. Os questionamentos que restam são quais outras consoantes propiciam emergência de PSE, do papel das posições iniciais ou médias na emergência deste fenômeno.

A próxima seção apresenta estudos sobre a aquisição de padrões silábicos do ILE por aprendizes brasileiros.

5 ESTUDOS SOBRE PADRÕES SILÁBICOS NO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Embora a literatura tradicional mostre que o encontro consonantal **kt** não seja esperado no PB, aprendizes brasileiros de ILE não apresentam dificuldade em realizar palavras como *activity* (NASCIMENTO, 2016).

Tal dificuldade seria esperada devido ao fato de que o PB apresenta um número reduzido de consoantes em posição de coda se comparado do ILE. Assim, encontros consonantais incomuns no PB são suscetíveis à emergência de epêntese. Entretanto, como relatado nas pesquisas da seção anterior, nota-se a emergência de padrões silábicos inovadores no PB pode auxiliar no percurso de aquisição do ILE.

Ferreira (2007) analisou a variabilidade entre pares mínimos do ILE, como em *pop* e *poppy*. A hipótese da autora foi que a epêntese vocálica seria predominante. Entretanto, os informantes realizaram a forma esperada em 67,7% dos casos, cabendo a epêntese apenas 6% das ocorrências. Tal resultado demonstra o controle do padrão silábico CVC por aprendizes brasileiros.

A pesquisa de Pereyron (2008) sobre a aquisição de padrões silábicos do ILE em meio de palavra constatou taxa de ocorrência de epêntese em apenas 6% dos

casos. A autora observou que o vozeamento, tanto na consoante anterior ou na posterior, favorece a emergência de epêntese.

Gomes (2009) analisou a realização dos verbos regulares do passado. A taxa de epêntese foi de 54%. O principal resultado foi que o nível de proficiência influencia na emergência de epêntese. Assim, falantes de nível avançado tendem a ter maior domínio dos padrões silábicos do ILE. Em relação à frequência, as palavras menos frequentes mostraram maior emergência de epêntese, afastando-se do alvo.

Os resultados da pesquisa de Lucena e Alves (2010) sobre as obstruintes em coda do ILE apresentaram taxa de ocorrência de epêntese em 21,2% dos casos. Entretanto, tal número é pequeno quando comparado aos dados do PB, com emergência de epêntese em 60,9% dos casos. A obstruinte **f** apresentou a maior ocorrência de epêntese, enquanto a obstruinte **p** foi a menos propícia para a emergência de epêntese. O resultado é similar à pesquisa de Ferreira (2007), enfatizando a relevância das consoantes desvozeadas na emergência de PSE, como na pesquisa de Pereyron (2008).

Já a pesquisa de Lima e Lucena (2013) sobre a emergência de epêntese em contextos mediais apresentou ocorrência do fenômeno em apenas 14,4% dos casos. O nível de proficiência mostrou o principal fator influenciador. Os aprendizes iniciantes apresentaram índices maiores. Em contexto fonológico precedente, as consoantes dorsais favoreceram o fenômeno. Já em contexto fonológico seguinte, as labiais apresentaram maiores taxas de epêntese.

Nascimento, Geisibel A. (2015) analisou a emergência de epêntese em encontros consonantais iniciais, mediais e finais. Como resultado, a pesquisa constatou que a posição inicial é a maior influenciadora (24%), seguida pela medial (12%) e a final (9%). O nível de proficiência apresentou resultados semelhantes às pesquisas anteriores.

Por último, Nascimento (2016) analisou a ocorrência de PSE no PB e no ILE em posição medial. A pesquisa constatou que os tipos silábicos **kt**, **pt** e **ft** são propícios para a ocorrência de PSE tanto no PB quanto no ILE. Além disso, novamente o desvozeamento foi uma influência para a emergência de padrões inesperados. Em relação à tonicidade, o contexto postônico foi o mais propício para a emergência do fenômeno.

Tendo relatado pesquisas sobre a ocorrência de PSE no PB e a aquisição de padrões silábicos no ILE, restam as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo geral realizar um levantamento bibliográfico envolvendo os padrões silábicos emergentes no Português Brasileiro (PB) e suas influências para a aquisição de padrões silábicos no Inglês Língua Estrangeira (ILE). O estudo propôs-se a responder a seguinte pergunta-problema: quais são os principais contextos e influências para a ocorrência de PSE no PB e no ILE?

As pesquisas relatadas neste estudo, envolvendo o PB (SOARES, 2016; CRISTÓFARO-SILVA, 2015; BARBOZA, 2013; SOUZA, 2012; CANTONI, 2009) e o ILE (FERREIRA, 2007; PEREYRON, 2008; GOMES, 2009; LUCENA; ALVES,

2010; LIMA; LUCENA, 2013; NASCIMENTO, G. A, 2015; NASCIMENTO, 2016), apresentam a emergência de epêntese enquanto fenômeno gradiente. Tal resultado corrobora com a visão da língua enquanto SAC, dinâmica, auto-organizável e suscetível à emergência de novos fenômenos que alteram o sistema linguístico como um todo.

Os estudos evidenciam a ocorrência de padrões silábicos inovadores. A gradiência constatada nos resultados expostos demonstra a emergência de novos padrões silábicos desconsiderados pela literatura fonológica do PB, cuja emergência decorre da realização de encontros consonantais por meio da elisão da vogal plena ou da não inserção da vogal epentética.

O fenômeno também pode ser constatado na interfonologia do PB e do ILE. Padrões silábicos constituídos de encontros consonantais incomuns no PB são realizados por aprendizes brasileiros no ILE.

Como principais contextos para a ocorrência de PSE, podem-se apresentar os seguintes com base nos resultados apresentados pelos autores aqui citados. O contexto desvozeado provou-se uma influência para a emergência de padrões não esperados. Como exemplo, é possível citar os padrões compostos por **C+sibilantes**, como **ts** e **ds**. De maneira similar, os tipos silábicos desvozeados, como **p**, **pt** ou **kt**, também favoreceram a ocorrência do fenômeno. A posição postônica também mostrou-se um fator influenciador. Vogais nesta posição apresentaram elevados índices de elisão, proporcionando a ocorrência de PSE, como na palavra *chave*.

A proposta aqui discutida apresenta implicações pertinentes para os estudos fonéticos/fonológicos. Primeiramente, considera-se a gradiência no sistema fonológico, antes considerado único e imutável por correntes tradicionais. Como exemplo, é possível citar a elisão da vogal plena *i*, a qual, por ser plena, deveria fazer parte da representação mental e estar sujeita apenas a variações fonéticas, não fonológicas.

Segundo, são patentes os efeitos da frequência de uso. Através da frequência de tipo nota-se os tipos silábicos que apresentam maior emergência de PSE, enquanto que a frequência de ocorrência demonstra a gradiência do fenômeno, o qual atinge determinados itens lexicais de forma distinta.

Por fim, a análise dos dados revisados na literatura, revisada neste trabalho com foco na emergência de PSE, reforça a visão de língua enquanto SAC. A inter-relação entre os sistemas fonético/fonológico evidenciam a complexidade da língua. A utilização de estratégias como a epêntese e a elisão retratam a auto-organização do sistema linguístico. Determinadas características atuam como atratores no sistema, como o vozeamento para a emergência de epêntese. Buscaremos, na realização de pesquisa experimental futura aprofundar o entendimento da emergência de PSE no PB e seus efeitos na construção da gramática fonológica de aprendizes brasileiros de ILE.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Clerton Luíz Felix. *Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira*. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFC, Fortaleza, 2013.

BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; CROFT, W.; ELLIS, N.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system: position paper. *Language Learning*, Michigan, v. 51, n. 1, p.1-26, Dec. 2009.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CANTONI, Maria M. *categorização fonológica e representação mental: uma análise da alternância entre [ks] e [s] à luz de modelos de uso*. 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFMG, Belo Horizonte, 2009.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução aos estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-123

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; ALMEIDA, Leonardo. On the nature of epenthetic vowels. In: Leda BISOL, Claudia BRESANCINI. (Org.). *Contemporary Phonology in Brazil*. 1ed. Cambridge: Cambridge University Press - Cambridge Scholars Publishing Series, 2008, v.1 , p. 193-212.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; BARBOZA, Clerton L. F.; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, dez. 2012.

FERREIRA, Ana P. P. *Pet or Petty? Diferenças entre palavras CVC e CVCV do inglês por aprendizes brasileiros: uma análise acústica*. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPR, Curitiba, 2007.

GOLDINGER, Stephen D. Words and voices: episodic traces in spoken word identification and recognition memory. *Journal of Experimental Psychology: learning, memory, and cognition*, v. 22, n. 5, p. 1166-1183, 1996.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *A produção de palavras do inglês com o morfema ED por falantes brasileiros: uma visão dinâmica*. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – UFPR, Curitiba, 2009.

JOHNSON, Keith; MULLENNIX, John W. Complex representations used in speech processing: overview of the book. In: JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. (Ed.). *Talker variability in speech perception*. San Diego: Academic Press, 1997. p. 1-8.

-
- LARSEN-FREEMAN, Diana. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, Oxford, p. 141-165. Jun. 1997.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LIMA, Luana A. S. LUCENA, Rubens M. Análise variacionista da epêntese vocálica medial na aquisição de inglês como L2. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso*. Niterói, n. 47, p. 145-161, 2013.
- LUCENA, Rubens Marques; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Implicações dialetais (dialeto gaúcho VS. Paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês: uma análise variacionista. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 35-42, jan./mar. 2010.
- NASCIMENTO, Geisibel A. do N. *Epêntese vocálica em encontros consonantais por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. 152f. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara, 2015.
- NASCIMENTO, Katiene. *Emergência de Padrões Silábicos no Português Brasileiro e seus reflexos no Inglês Língua Estrangeira*. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) – UECE, Fortaleza, 2016.
- PEREYRON, Leticia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de Inglês como Língua Estrangeira*. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 2008.
- PIERREHUMBERT. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Comp.). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-158.
- SILVEIRA, Francine; SEARA, Izabel C. A Vogal epentética em encontros consonantais heterossilábicos no português brasileiro: um estudo experimental. *Revista do GEL*, São Paulo, v.6, n.2, p.9-35, 2009.
- SOARES, Victor H. M. *Encontros consonantais em final de palavra no português brasileiro*. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- SOUZA, Ricardo F. N. *Redução de vogais altas pretônicas no português brasileiro de Belo Horizonte: uma abordagem baseada na gradiência*. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- VIEIRA, Maria J. B.; CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Redução vocálica em postônica final. *Revista da ABRALIN*, v.14, n.1, p. 379-406, jan./jun. 2015.